

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º 4 entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	38800	18900	3950	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 620

15 DE MARÇO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lihoa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Parece um conto de fadas. A imaginação mais fértil custar-lhe-hia a inventar, a intelligencia mais poderosa difficil lhe seria fazer acreditar esse facto digno d'uma epopeia brilhantemente praticado, ha pouco pelas armas portuguezas.

E entretanto o poderoso e afamado regulo Gungunhana atravessou ha dois dias a cidade prisioneiro com os seus, entre meia duzia de soldados. Dia memoravel foi esse na nossa historia.

Era compacta a multidão desde o Arsenal, onde o famoso vátua desembarcou até ao alto da Avenida, por onde seguiu até ao forte de Monsanto.

Fora altivo e dominára. Os seus milhares de subditos tremiam do seu poderio immenso. Possuira immensas riquezas em ouro, gados e marfim. Tinha no seu harem cincoenta e seis mulheres. A um gesto seu rolavam decepadas as cabeças dos inimigos e milhares de peitos em sua defeza iam expôr-se ás balas.

Aquelle homem abatido que ali passou hantem, atrahindo os olhares da multidão, aquelle preto outr'ora soberbo e que levava o olhar cheio de uma incalculavel tristeza, fóra um dos maiores potentados da Africa austral, mandára sobre enorme imperio. Era conhecido o seu nome no mundo inteiro e o mundo inteiro dizia-o invencivel.

Um punhado de valentes de boa vontade, netos d'aquelles que os Lusíadas cantaram, derrubaram em poucos minutos o throno do tyranno, desfizeram em poeira o seu prestigio, manietaram como a escravo um imperador.

Conto-se a historia mais uma vez para que fique gravada na memoria e no coração de todos.

Achava-se abatido o grande poder do Gungunhana desde aquelle famoso combate de Coollela em que tão denodamente se portaram os soldados portuguezes commandados pelo coronel Galhardo.

Gungunhana fugira. Pe-

las tribus em que, abusando do terror, havia dominado, a noticia da derrota espalhára-se. Não, elle não era um invencivel. As tropas negras haviam fugido espavoridas ante a audacia, o sangue frio, a serenidade de poucas dezenas de portuguezes. O Kraal do regulo fóra incendiado.

Gungunhana fugira para junto do tumulo de seu pae. Perdera a confiança nos recursos da terra, na valentia dos seus soldados, na penetração das suas aragaias. Ia implorar os mortos, pedir ás sombras que lhe acudissem, porque se achava enfraquecido, que lhe dessem um bocadinho de luz, porque se achava dementado.

Mousinho de Albuquerque era quasi só nas terras de Gaze. Acompanhavam o dois officiaes valentes: os tenentes Sanches de Miranda e Couto. Alem d'estes o medico e quarenta e sete soldados. Nada mais.

Apenas o sufficiente para ser esmagado.



AMBROISE THOMAS — FALLECIDO EM 12 DE FEVEREIRO DE 1896

Almas tinham elles, que de almas enormes é o que fizeram.

Estavam todos abatidos, queimados pelas febres. Cada um d'aquelles soldados era a imagem da morte.

Mousinho soube onde era o Gungunhana. Alguem mil homens ainda estavam com elle. Mas o desprestigio era immenso. Um golpe de tentar embora quasi certa a morte. Porque o não tentaria?

Mousinho fallou aos soldados. O momento era supremo, mas nenhum d'elles duvidou do heroismo. D'aquelles peitos esqueléticos, d'aquellas bocas descahidas, descoradas pelas febres e pelas sedes continuas, sahia um brado de enthusiasmo.

O regulo soube da marcha da nossa tropa e mandou emissarios a Mousinho. Offerencia-lhe presentes, queria vir prestar-lhe homenagem. Mas, gracejando, mandou dizer-lhe o capitão que elle mesmo lá iria e que, por ser mais magro, fazia a viagem mais depressa.

Tres dias caminharam pelo deserto immenso. Eram como espectros mirrados, mas que almas abrigavam n'aquelles peitos! Marcha entusiastica em que, se houve tempo para medir o perigo, maior o houve para contar com uma morte quasi certa, para sentir, de quando em quando, confrangerem-se os corações com a doce memoria de uma esposa longe, d'uma mãe velhinha, que talvez aquellas horas, tremula no oratorio, resava por elles.

Mas era preciso evitar sacrificios a outras mães, a outras esposas. Um acto heroico pouparia muitas lagrimas no futuro, encheu o hia de gloria, de gloria tambem as cabeças brancas dos que choravam por elles.

A'vante!

E era tal o enthusiasmo que, depois de tantas fadigas, andavam em passo acelerado durante o ultimo dia.

Avistaram finalmente o kraal, defendido por uma valente paliçada. Os soldados deitaram-se contra ella, abanando as estacas, cavando a terra com as unhas. Dois paus cederam, abalaram, cahiram. Pelo espaço aberto mal cabia um homem de lado. Mousinho entrou primeiro.

Não viu ninguem na frente, olhou para traz e viu um grupo de vatuas que já contra elle apontavam as espingardas. Mousinho desembainhou a espada e correu contra elles. Tamaña audacia pasmou-os. Aquelle ho-

mem assumiu aos olhos dos pretos uma estatura de gigante fantástico. Era mais do que sobrehumana aquella intrepidez. Os canos das espingardas baixaram-se, os braços dos negros descabiram, os dedos paralisados não haviam tido força para puxar o gatilho.

— Onde está o Gungunhana? perguntou Mousinho.

Apontaram para um grupo de palhotas. Mousinho dirigiu-se para ellas.

Os outros officiaes e os soldados haviam entrado na paliçada atraz do capitão.

O Gungunhana sahio d'uma das barracas e ainda insolente, perguntou a Mousinho que mais lhe queria.

— Prender-te, respondeu este. Entrega-me os teus indunas.

Gungunhana apontou-lhe para dois dos que mais o tinham exacerbado contra nós.

Amarrados n'um prompto, em frente de todo o exercito, ali foram fuzilados.

— Senta-te disse Mousinho ao Gungunhana. Este cruzou as pernas e deixou-se cahir desfalecido no chão.

Os negros começaram a cantar uma canção de despreso, rufando com as azagaias nos escudos.

O enorme poderio do regulo cahira de todo n'aquelle momento. Aquelle que commandara a tantos milhares d'homens, rojava-se pelo cñio agora, afflicto raivoso, impotente. Os antigos subditos, aquelles que, havia poucas horas, dariam por elle a vida, expondo os peitos ás ballas, cantavam-lhe agora ironicamente as suas queixas, atiravam-lhe em rosto, entre risos sarcásticos, os roubos dos seus haveres, a tyrannia d'aquellas guerras incessantes, os raptos das mulheres.

Um homem ajudado por meia duzia de bravos portuguezes, n'um só momento, n'um impeto de coragem genial, atirara a terra o mais feroz, o mais poderoso, o mais altivo dos imperadores da Africa austral!

Elles ahí passaram no outro dia entre as alas dos curiosos, o Gungunhana, o filho, o tio, o Zixaxa. Quem havia de reconhecer n'aquelles rostos entristecidos, n'aquelles olhares inquietos, os colossaes dominadores das mais guerreiras das tribus?

Por isso no *Gil Blas* escreveram que se os italianos tivessem no seu exercito um punhado de portuguezes teriam vencido os abyssinios.

Não deixam estrangeiros de do honrar. Não quizeram d'esta vez os nossos desmentir o grande Napoleão que já dizia dos portuguezes que eram os primeiros soldados do mundo.

E parecem que o não sabem entretanto. Disciplinados, valentes, soffredores, cumprindo o dever com honra e gloria, é vel-os passar por essas ruas com as suas espingardas ás costas, serenos, alegres, risonhos, trazendo ainda estampado nos rostos, o enorme soffrimento d'aquellas luctas cruéis, abrasados em sede, queimados pelo sol, sem abrigos, sem conforto, demais sabendo o que os espera em mãos de inimigos selvagens e cruéis.

Sejam bemitos na patria, aonde emfim chegaram. Hoje é tudo alegrias, cantos, festejos. Amanhã outros partirão em busca de novas glorias. Que Deus vá com elles, e sobretudo que Deus fique com quem os manda.

Hoje a responsabilidade dos governos é enorme. O que conquistámos em Africa custou muito sangue e muitas lagrimas. Sangue e lagrimas fecundam o chão da patria, o solo uberrimo de Portugal. E' Portugal e so elle que deve lucrar.

A esperança acompanha-nos agora. Em meio da treva, aquelle sol glorioso, que outr'ora illuminou as façanhas dos velhos portuguezes, ergueu-se outra vez esplendente no céu. Desponta uma aurora nova. Que a sua luz benefica desça sobre nós, que ao calor do astro poderoso se encham de flores esses campos, fructifiquem as sementeiras.

Paiz que tem tres filhos, não é morto ainda. Ao ler a moderna historia da Africa portugueza parece-nos ter abertas ante os nossos olhos as paginas gloriosas das decadas de Barros e de Couto.

O heroismo é sempre o mesmo. Ainda ha portuguezes.

JOÃO DA CAMARA.

AMBROISE THOMAS

1811—1896

A arte musical acaba de perder um dos seus mais notaveis representantes. A popularidade do eminente compositor e director do Conservatorio de Paris não se limita á França, sua patria; a volumosa obra de Ambroise Thomas destacou-se paginas que alcançaram o suffragio universal.

O primeiro periodo da sua carreira artistica comprehende um grande numero de operas, desde a *Double echelle* com a qual se estreou em 1837 no theatro da *Opera Comique* de Paris, até ao *Roman d'Elvire*, representado no mesmo theatro em 1860.

De todas as operas d'este primeiro periodo, o *Caia* é, sem contestação, a mais popular e aquella cujo exito extraordinario foi consagrado por frequentes *reprises*.

Após um silencio de sete annos, brilhantemente interrompido pela *Mignon* representada pela primeira vez em 1866, revela-se na obra do illustre compositor uma segunda maneira que ainda mais se affirma com o *Hamlet* e a *Francesca de Rimini*, a sua ultima grande opera.

Em nenhuma d'estas tres operas se encontra um certo *conventionalismo* que mais ou menos se poderia notar nas primeiras produções de Thomas, escriptas sob a influencia de uma epoca em que predominava a *virtuosidade* dos cantores e em que os *morceaux à detacher* estavam em plena voga; d'ahi a forma mais independente e maior elevação de estylo das suas ultimas partituras.

Se a individualidade artistica de Ambroise Thomas é contestavel, é certo porém que em toda a sua obra transparece uma distincção caracteristica, que se não confunde; dir-se-hia um jardim formado de plantas mais ou menos vulgares, exhalando pelo seu conjunto um perfume desconhecido e d'uma suavidade estranha e encantadora.

Era proverbial a honestidade artistica do illustre morto; d'ahi talvez resulte uma tal ou qual hesitação em seguir passo a passo as grandes e frequentes evoluções que se tem operado na musica dramatica n'estes ultimos trinta annos, evoluções a que o seu delicado temperamento se mostrou um tanto rebelde. Não o consideramos todavia em absoluto um intransigente; para o demonstrar bastariam alguns trechos do Prologo da *Francesca de Rimini*.

Posto isto, não hesitamos em considerar como uma das mais preciosas perolas da escola franceza a *Mignon*, a quem o *Fausto* não desdenharia dar o braço.

Se a estas duas operas acrescentarmos a *Carmen* de Bizet e a *Manon* de Massenet, teremos a meu ver, citado as quatro obras primas da musica dramatica franceza contemporanea.

E' para notar que tres dos compositores cujas obras acabamos de mencionar, já não existem.

Resta-nos Masenet e a sua *Manon*. Segundo todas as probabilidades será elle, que foi tambem o mais glorioso discipulo de Ambroise Thomas, quem lhe succederá na direcção do Conservatorio de Paris.

Este cargo parece ser a garantia de uma longa vida. Os cinco directores que aquelle conservatorio tem tido, morreram todos (excepto Perne que morreu aos 60 annos) n'uma idade avancada;

Ao illustre auctor da *Manon* e futuro director do Conservatorio de Paris os nossos antecipados e sinceros votos de congratulação, convictos de que a auctoridade do seu privilegiado talento, será tambem a garantia das gloriosas tradições d'aquelle Instituto.

A. M.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CHEGADA DO GUNGUNHANA

Ante-hontem 15, chegou allim, ao Tejo, o transporte de guerra portuguez, conduzindo a seu bordo os prisioneiros da guerra na Africa-Oriental.

Entre esses prisioneiros, que symbolisam tanta lucta, tanta dor e tantos sacrificios, destacava-se, como o mais importante de todos, o temido potentado negro Gungunhana, de quem o valoroso capitão Mousinho, tenentes Couto e Miranda, apenas acompanhados de quarenta e seis esforçados soldados portuguezes, conseguiram apossar-se.

Essa prisão, constitue o mais brilhante feito das armas portuguezas, no nosso seculo.

Portugal reverteu, n'um impulso de atavismo, ás glorias que o impozeram á admiração de todo o mundo. Hoje, como no seculo dos descobrimentos, os portuguezes mostraram o seu valor sacrificando tudo pela honra e integridade da patria. Acompanhou-os a gloriosa bandeira que enão os guiou pelo Mar tenebroso e foi testemunha das inumeras conquistas e victorias que asso-

berham a historia d'este povo navegador, d'este povo de heroes cuja actividade se espalhou por toda a terra: Vasco da Gama percorre o Oriente até á India, Pedro Alvarez Cabral explora o occidente e descobre a America do sul, e como para completar esses dois esforços era necessario uma ligação, ainda foi um portuguez Fernão de Magalhães, o primeiro que deu a volta ao mundo. D'aqui, d'esta tryade que sublimou e consagrou a gloria portugueza, resulta a mais perfeita synthese da civilização universal moderna.

Ainda hoje, a repercussão das victorias portuguezas, se dá, impondo-se ao respeito de todo o mundo, como n'outras eras. A esclarecida França indica á desafortunada Italia, o valor dos portuguezes; a republica do Transwal felicit Portugal, reconhecendo tacitamente quanto ganhou a segurança da Africa do sul com a prisão do Gungunhana.

Mas como louvores em bocca propria são mal cabidos, deixemos aos factos toda a sua significação.

No transporte *Africa* acompanhando os prisioneiros, veiu mais um troço de expedicionarios.

O entusiastico acolhimento que se lhes fez, evidenciou bem que nos peitos portuguezes existe profundamente a noção subida do dever cumprido e o sacrosanto amor da patria.

Os valentes militares que ante-hontem pisaram o solo querido do seu paiz, depois de uma mais longa viagem do que era para esperar, foram os seguintes:

Os distinctos officiaes srs. capitão Mattos Cordeiro, tenente Kruss, alferes May. De infantaria 2 brigadas Sobral, os 1.º sargentos Oliveira e Cateiro; 2.º sargentos Trindade, Baptista, Abreu, Taborda, Pereira, Elysió, Bargão e Martins Silva Cardoso; os artífices Bandeira e Carlos, 2 corneteiros e 20 soldados e cabos. De outras armas vieram tambem nove praças, dois 1.º sargentos, segundo sargento Rebello, vindo o 1.º sargento Pimenta gravemente enfermo.

Todos eram esperados com impaciencia, e o dia de ante-hontem foi para muitos de alegria, para outros de saudade e de lagrimas. Quantos não voltaram, quantos morreram lá cumprindo com denodo o seu dever. E' justissimo que lhes prestemos aqui a sentida expressão do preito que lhes dedica a patria agradecida.

Dois mezes, precisamente, de viagem, foi quanto tempo levou o transporte *Africa* desde a bahia de Lourenço Marques até fundear no Tejo. E' conveniente que recordemos aos nossos leitores que em Cabo Verde se desembarcaram cincuenta prisioneiros vátuas, de menor importancia.

Do *Africa*, um dos transportes da marinha de guerra portugueza, encontra o leitor representado na nossa gravura da pagina 60. Da formosa possessão portugueza, Cabo Verde tambem offerecemos na mesma pagina uma vista geral.

O resto dos prisioneiros, que são os de maior importancia, vieram até Lisboa, onde desembarcaram e foram conduzidos para o forte de Monsanto, uma das melhores fortalezas desta cidade.

Dessa fortaleza faz boa ideia o leitor examinando a nossa gravura da pagina 61.

D'entre os prisioneiros, que hoje alli estão mostramos na estampa do alto da mesma pagina 61 o chefe vátua, Gungunhana, e as suas duas favoritas, cujo grupo foi copiado de uma photographia tirada a bordo do *Africa*.

Os outros prisioneiros são: Godide, filho de Gungunhana, Molungo seu tio, e Matibejane, o perverso regulo de Zixaxa, com suas tres mulheres; o cozinheiro e um preto da comitiva do Gungunhana.

Da importancia dos prisioneiros resultou o prestigio que tal prisão trouxe á soberania portugueza, em Africa. Os proprios prisioneiros, se mostram bastante submissos, tanto que muita gente esquecendo-se dos mil cuidados e inquietações, das muitas vidas que se sacrificaram por causa d'elles, lhe votam uma sympathia de commiserção mal entendida, especialmente para com Gungunhana, Matibejane e Molungo.

São as lagrimas das viúvas desoladas, das mães afflictas, das irmãs cheias de saudade, que nos chamam á analyse fria e impassivel dos factos. Gungunhana é um rebelde e assim deve ser considerado, pois foi e é origem de infinitas e occultas amarguras a que não devemos ser indifferentes.

Mas de tantos sacrificios, approuve a Deus tirassemos resultado. Oxalá o triumpho que mais uma vez excolou as armas portuguezas, consiga que a nossa nacionalidade mais se revigore. Agora

que pacificamos a África, que pelejamos na Índia, temos que cuidar no futuro. Os nossos gloriosos antepassados legaram-nos uma herança immensa que devemos manter; assim como elles regaram com o seu sangue as praias e os sertões d'essas terras, assim hoje também os soldados portuguezes souberam, como outr'ora, manter as suas tradições.

MEDALHA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE ANVERS

Publicamos a pag. 64 uma copia da medalha que foi conferida aos expositores premiados na exposição universal de Anvers, em o numero dos quaes entrou o proprio e director do OCCIDENTE sr. Caetano Alberto.

E' verdadeiramente lisonjeiro para o nosso paiz, que n'um certamen a que concorreram publicações de todo o mundo civilisado, o OCCIDENTE merecesse o terceiro premio.

Folgámos que esta modesta revista fosse tão favoravelmente apreciada no estrangeiro, como já o fóra na exposição de Paris de 1878, quando apenas encetava o primeiro anno da sua publicação, onde lhe conferiram uma menção honrosa.

Archivamos, pois, em nossas paginas a copia d'esta medalha como documento honroso da historia do OCCIDENTE.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

1813. — SETE SEMANAS DE CAPTIVEIRO EM S. SEBASTIAN

(Continuação do n.º 619)

Tomada que foi a cidade, principiou a nossa artilheria a bombardear o castello, cujas muralhas eram batidas por mais de sessenta bocas de fogo; mediavam apenas alguns segundos entre o estrondo das descargas dos canhões e morteiros, e o ruido dos projectis. O effeito das continuas salvas da artilheria, tão destruidora e terrivel, de dia, ainda assim, não impressionava tanto como de noite. Os pobres feridos e mutilados que, por fortuna, conseguiam encontrar no somno temporario alivio aos soffrimentos, acordavam, sobresaltados, aos estouros das dezenas e dezenas de bombas que vinham cair, a todo o momento, ora no edificio, ora nas immediações, e ao esfuziar das materias explosivas, as quaes, com phantasmagorico clarão, subitamente alumiaavam o recinto da enfermaria. O silencio sepulchral que ali reinava, em tais momentos, era apenas interrompido pelo aspero silvo da materia combustivel. Não ha descripção, que possa dar ideia dos transe de agonia porque passavam os feridos. Ninguem se sentia seguro de escapar á destruição — consequencia que inevitavelmente seguia de perto as explosões, e as quaes se seguiam também sempre os brados e os gemidos dos desgraçados a quem os estilhaços das bombas vinham retalhar de novas feridas.

Vi mais de um infeliz soldado, segunda vez estendido sobre a meza fatal, sofrer nova amputação; e os cirurgiões assistentes passavam toda a noite de vela e sem terem mãos a medir, em tão dolorosa tarefa. Descanso, quem poderia ter-o com scenas d'aquellas, ali em frente do proprio leito! Braços e pernas, assim que eram amputados, levavam-nos e iam deital-os, dos rochedos abaixo, para o mar. Espectaculo, para mim tão novo, mas como devem suppor, pouco agradável, e que eu era forçado a presenciar, a todo o instante. Em abono dos cirurgiões do exercito francez, devo declarar que, durante o periodo assaz longo, em que tiveram de desempenhar tão ominosos e fatigantes deveres, se houveram sempre, para comnosco, com o maximo carinho e delicadesa de maneiras, sempre sollicitos, quanto n'elles cabia, em alliviar soffrimentos aos infelizes que a sorte lhes punha entre mãos.

Após curtos momentos de socêgo,ahi vinha outra descarga, e outra vez se repetiam as scenas do costume.

Os pobres prisioneiros que tinham escapadoãos e escorreitos, foram, como já lhes contei, mettidos no pateo que circundava o hospital; ficando assim expostos á furia das incessantes descargas, sem terem sequer, um cantinho, onde encontrar abrigo contra a acção mortifera dos projectis.

Vendo o perigo imminente que os ameaçava a todos, fiz quanto pude para obter machadas, alviões e outras ferramentas adequadas com que pudessem armar umas mantas, ou outro qualquer

artificio que os defendesse do chuva incessante de balas. Foram, porém, baldadas todas as minhas diligencias, e resultou, pois, o seguinte: de cento e cincoenta infelizes que ali estiveram encurralados entre aquellas quatro paredes meias derroídas, cincoenta, pelo menos, foram mortos ou feridos.

Com excepção unica de um acto brutal de que fui victima, da parte de um official francez, nenhum dos prisioneiros feridos teve a minima razão de queixa; posto que, diga-se a verdade, os rigores do captiveiro escusavam bem de ter sido levados a tal extremo. Tanto o cirurgião assistente, porém, como os enfermeiros, em geral, tractaram-nos sempre o melhor que puderam. Rancho e dieta eram os mesmos em qualidade e quantidade, quer para nós, quer para os soldados francezes feridos, que occupavam a enfermaria contigua á nossa. Uns e outros, o mais delicado ceptipe que jámais conseguimos apanhar foram duas ou tres ameixas passadas, para sobrezeza.

De todos os engenheiros francezes que assistiram ao cerco, o unico que escapou de ser morto ou ferido foi o tenente Goblet, o mesmo que commandou a companhia de sapadores, na grande brecha, posto de honra altamente envejado entre os francezes. A explosão, durante o assalto, matou muita gente n'esta companhia: — poucos ficaram. O commandante foi o unico militar de toda a guarnição a quem Lord Wellington permittiu regressar á França. Foi portador de despachos enviados pelo general Rey, governador da praça, para o marechal Soult, ao qual annunciavam a tomada do castello.

O fogo constante e insupportavel que cahia no interior do castello, depois que foi tomada a cidade, era por tal forma destruidor, que, se houvesse sido prolongado por mais algumas horas, a guarnição ter-se-hia, sem duvida alguma, rendido á discreção, por não lhe poder resistir. A officialidade em pezo, queixava-se abertamente da teimosia do governador, allegando que estavam sendo sacrificadas inutilmente as vidas dos soldados. Já ninguem contava com qualquer tentativa da parte de Soult, para vir em socorro da cidade. Durante aquelle periodo terrivel cada um procurava abrigar-se conforme podia, atraz dos rochedos, parecia, porém, não haver já canto nem toca, onde se podesse escapar a salvo aos estilhaços das bombas e a metralha. Um sargento dos Reaes, que jazia aos pés da tarimba onde eu estava, foi morto pelo estilhaço de uma bomba, que atirou com o cadaver para cima de mim. Um soldado italiano que ficara de serviço aos prisioneiros feridos, na enfermaria, estava aquecendo um caldo para o jantar dos presos, e voou pelos ares com a marmitta e tudo mais; e nós perdemos as esperanças ao parco jantar d'esse dia. Vida e acção estavam como que suspensos — ninguem, por assim dizer, se atrevia a boir consigo.

E assim foram continuando as coisas, até que veio a abrandar o fogo das baterias. De nada se cuidava: — tratava cada qual unicamente de se livrar do tremendo chuva de bombas, derramado sobre o castello, e de escapar aos effeitos tremendos e aos medonhos destroços das explosões. O interior do hospital parecia um crivo, e, se tem continuado, por mais algumas horas, esta torrente caudal de fogo, a guarnição em pezo teria compellido o governador a render-se.

O assobio dos projectis da bomba e da granada differe assaz do silvo da bala de fusil: A todo instante se ouvia gritar: «Ah! ces sacrés boulets creux!»

Convem observar que os projectis expellidos pela bomba e granadas, ao explodir, assumem forma prismatica, ou antes, polyédrica. Um official francez mostrou-me um, que acabava de ser extrahido do corpo a um soldado, e com intensa curiosidade perguntou-me, se acaso, antes de serem introduzidos nas bombas, tinham já a mesma forma. Em diversas occasiões observei mais alguns d'esses projectis, que os cirurgiões, a meu pedido, me mostraram, e notei que todos apresentavam identico aspecto.

E' notoria a fama de que goza a artilheria ingleza. As nossas bombas eram lançadas de modo inexecvel, e as espoletas cortadas a primor. A manifesta superioridade dos nossos artificios de guerra, só a pode avaliar quem teve, como eu, occasião de os comparar com os que eram empregados pelos francezes. Emquanto durou o cerco, os nossos pouco ou nenhum caso faziam das bombas francezas que vinham, preguiçosas, cahir-lhe nas trincheiras. O comprimento das espoletas dava tempo de sobejo a cada qual para se precaver da explosão; e quando rebentava alguma, cahiam os estilhaços sempre muito de seu vagar, e a curta distancia. Quando, pelo contrario, ouviamos, no castello, estoirar uma bomba mandada das nossas

trincheiras, ou a sentinella, do alto da torre, brava: *Gare la bombe!* todos se acautelavam. A velocidade dos nossos projectis era incomparavelmente superior á dos francezes. Mal tocavam no chão, rebentavam logo, e era tremendo o destroço causado pelos estilhaços. Só quem já se achou exposto aos effeitos das granadas está no caso de avaliar devidamente a efficacia que resulta do emprego de projectil tão destruidor. Não havia esconderijo possivel, nem meio de lhe escapar, a salvo; e houve mais de um soldado que se sentiu ferido, sem perceber que tivesse rebentado ali perto, bomba, ou o quer que fosse.

Na enfermaria, mesmo em frente do meu lugar, estava em tractamento um official francez, de engenheiros, que tinha optimo sortimento de livros da sua especialidade, e que os pôz á minha disposição com a maxima franqueza. Mais de uma obra folheei então, á qual jámais conseguira por a vista em cima; e além de me servirem de optimo passatempo, posso dizer que aprendi muita coisa que até ali ignorava. Do dono soube, também, que em França, o governo costuma fornecer aos engenheiros uns certos livros, e aos generaes, os melhores mapas dos paizes aonde vão em expedição militar.

Um dia, ainda a bateria da meia laranja não tinha começado a bater o castello, um official francez chamou-me para ao pé da porta e exclamou: «*Voilà les faeces qui viennent nous chercher.*» — Ao principio não percebi o que elle queria dizer na sua: mas, assim que dirigi a vista para o sitio que me apontava, eis que se me depara um espectáculo, alegre e animador a mais não poder ser — estava á vista um comboio de transportes, vinham á vela e aproximavam-se da cidade. Foi propheta a valer o official, esses mesmos navios transportaram a guarnição prisioneira, desde Passages até á Inglaterra.

Quando me deram a noticia de ter cessado o meu captiveiro, corri com a vista as paredes todas da enfermaria, a ver se algures pendurada estaria alguma espada que me conviesse, para substituir a que me tinham tirado. Deparou-se-me um magno sabre que pertencera a um official de Estado Maior, que estava ferido, pedi que o descessem do cabide, porque desejava levá-lo. Ainda hoje o conservo em meu poder; foi a espada com que fiz o resto da campanha; e mais de uma vez me succedeu, nos postos avançados, sendo eu portador de bandeira branca, ver os officiaes francezes a mirarem de revez e com bém ma casa as aguias lavradas na chapa do meu telim.

Quem me diria, contudo, em julho de 1813, as voltas que, no espaço de dois annos, veio a levar a minha vida! Em 1815, estava eu aquartelado em Paris, e tinha, na qualidade de engenheiro, a meu cargo o forte de Montmartre. Succedeu-me, n'essa epoca, por lá, encontrarme mais de uma vez com officiaes que tinham pertencido á guarnição de S. Sebastian, durante o cerco; e recebi até varias visitas do cirurgião-mór, meu antigo amigo. Ambos viemos a concordar, que, apesar de se ter virado o feitiço contra o feitiço, a nossa posição actual era, ainda assim, bens melhor agora do que quando traváramos relações em S. Sebastian.

Spectator.

PORTUGAL EM 1760

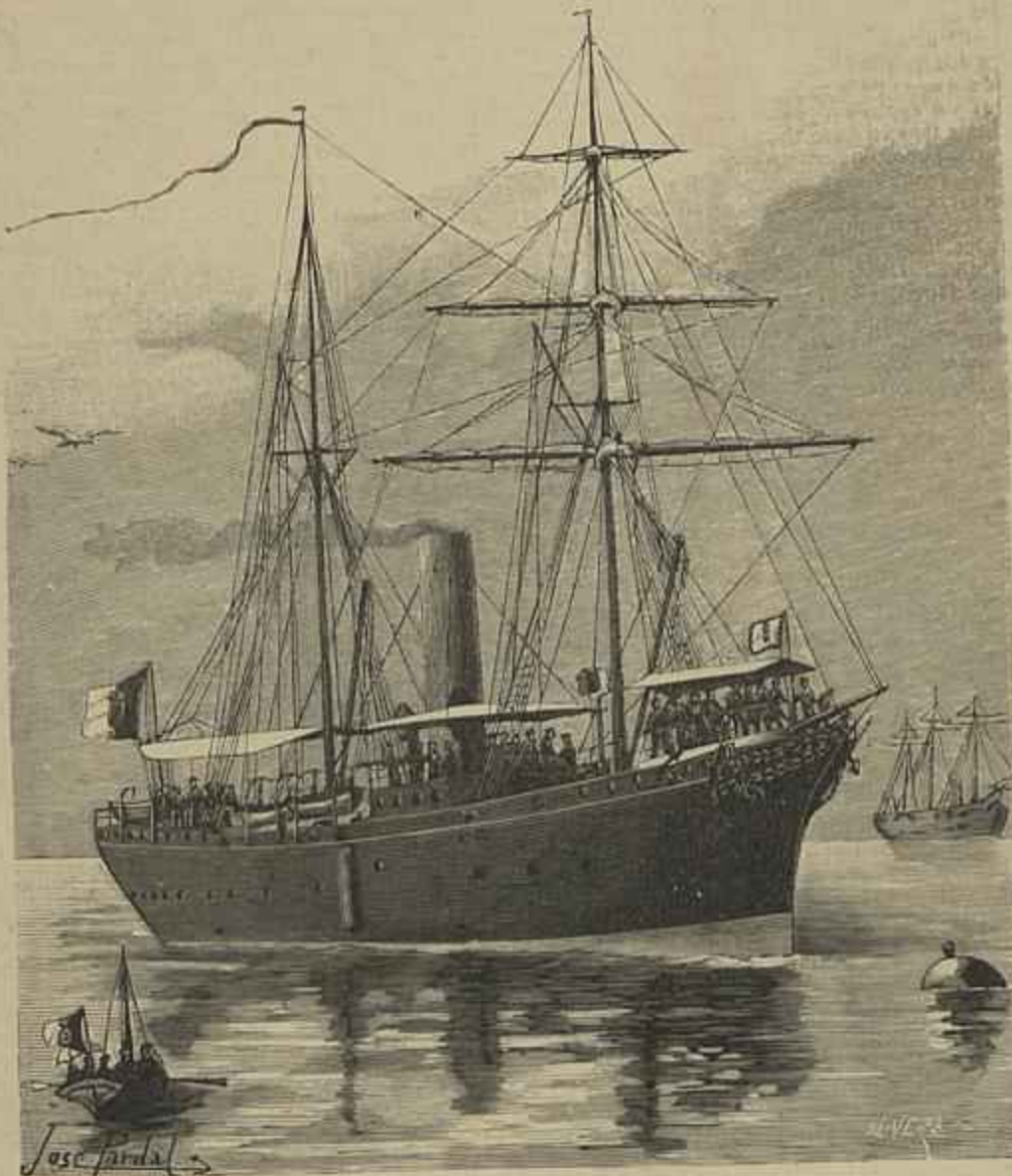
Cartas Familiares de José Baretti, traduzidas do italiano

III

Lisboa, 1 de setembro de 1760.

Não é possivel negar que uma tourada, para quem a vê pela primeira vez, seja cousa de encher de pasmo. Asseguro-vos, porém, que não darei mais um ceutil para assistir a outra, pois muito me escandalizou ver tantos christãos, e especialmente tantos padres, contemplarem um divertimento de tanta crueldade justamente no santo dia de domingo. Mas para vos contar desde o principio esta dehumanissima cousa, hontem, pelas tres horas da tarde, entrei n'uma carruagem tirada por duas mulas, que é aqui o transporte mais vulgar, e, depois de uma hora, pouco mais ou menos, de bom trote, chegámos, o sr. Eduardo e eu, a um sitio chamado *Campo Pequeno*. Aqui se levanta uma fabrica toda de madeira, em forma de decagono, de cêra de duzentos e cincoenta passos de diametro. O plano inferior d'essa construcção contém pranchas dispostas em amphitheatro, e o plano superior compõe-se de camarotes que põ-

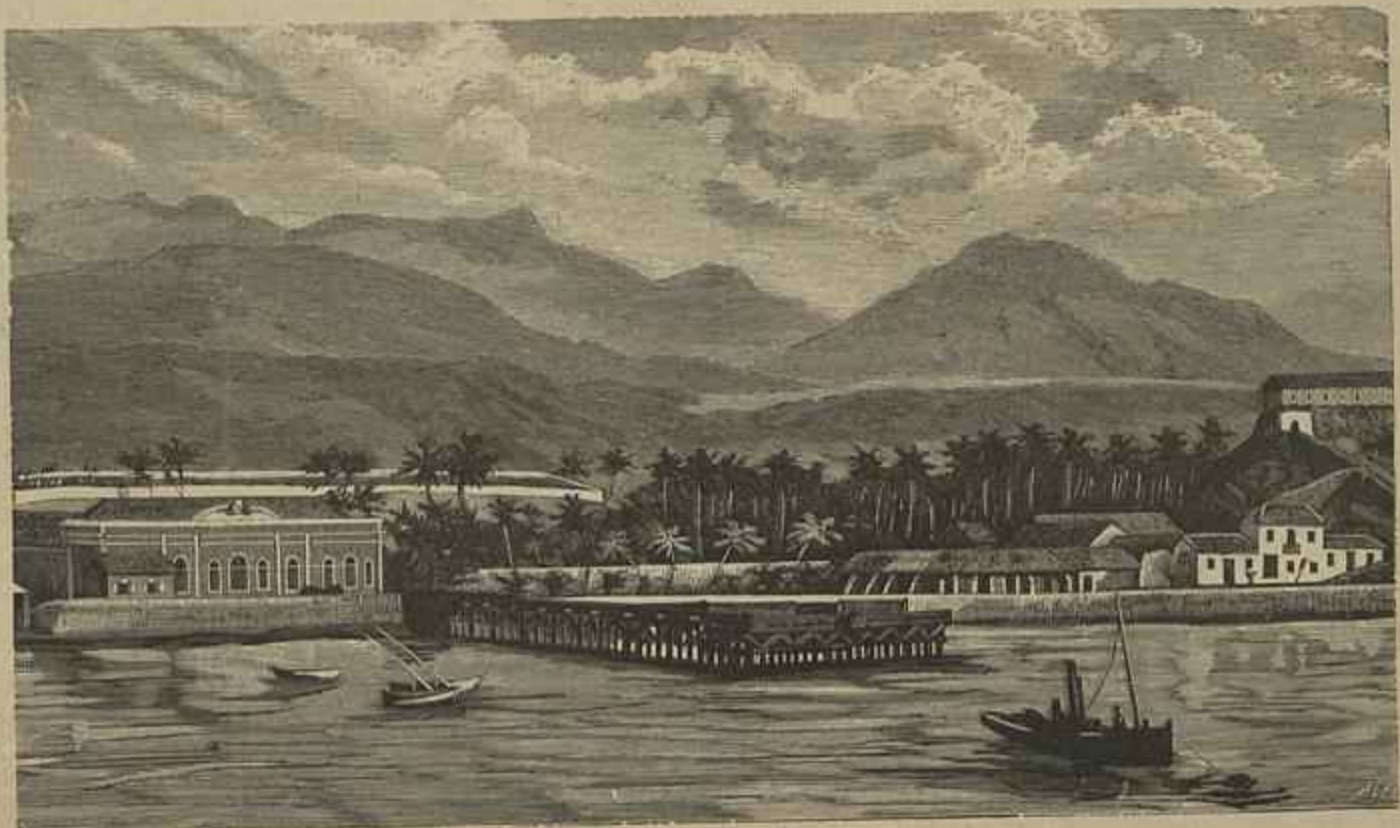
CHEGADA A LISBOA DO REGULO GUNGUNHANA



O TRANSPORTE «AFRICA» EM QUE VEIO O GUNGUNHANA

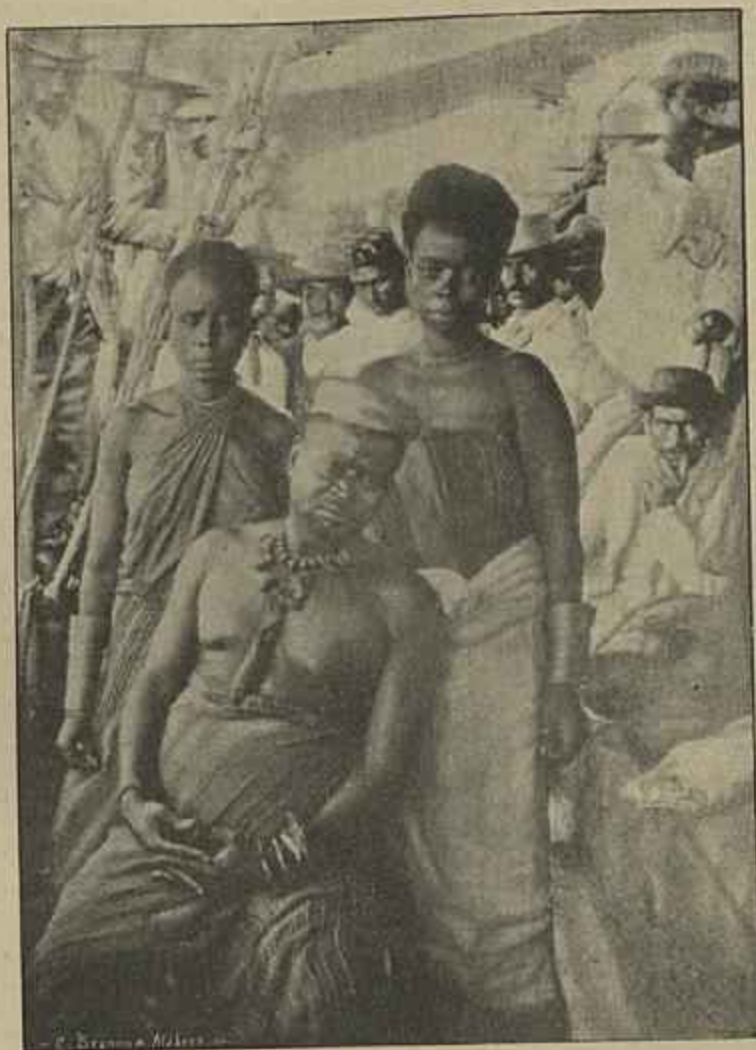
derão bem levar mais de doze pessoas cada um. Parte dos que estão no amphitheatro sentam-se n'aquellas taboas, e parte se encostam a uma trincheira que dá pela barba das pessoas de estatura regular. Quem está nos camarotes assenta-se em pequenos mochos muito incommodos. Nós estávamos do lado da sombra, quasi defronte do camarote do rei, e separados por tres camarotes da rainha. O rei, vestido de seda azul, sem ouro ou prata, estava com seu irmão D. Pedro, que ha poucos mezes casou com a princeza do Brazil, primogenita do rei. Nunca pude ver a rainha de frente, por me ficar de lado, e dizem-me que tinha em sua companhia as suas quatro filhas, que não pude da mesma sorte distinguir bem, por se mostrarem muito pouco. Era numerosissima a quantidade dos espectadores: homens, entendeu-se, porque as mulheres não me parece que fossem mais de cem. Em baixo, na arena, estavam talvez duzentas pessoas, pela maior parte, sentadas no chão. Guardas do soberano não havia sequer um; e por baixo do camarote da rainha estava a cavallo uma certa figura, vestida como um mascarado, com um delgado e comprido castão na mão. A chegada do rei entraram logo na praça, puxadas cada qual por seis muars, duas especies de carros de triumpho, por signal muito mal feitos e desadornados. Em um d'elles estavam oito mariolas, que figuravam de guerreiros mouros, e no outro mais oito que taes, guerreiros indios. Dadas umas tantas voltas a toda a brida, os mouros e os indios deitaram-se abaixo dos carros e começaram uma curta e tola briga, na qual os oito indios ficaram estendidos mortos no chão pelos valentes negros com suas espadas de pau, e depois os negros vivos e os indios mortos, com grandes risadas, correram todos juntos para um canto da praça, cedendo o logar a dois cavalleiros que deviam sahír aos touros, e que avançavam vestidos á hespanhola, com plumas na cabeça, em dois bellissimoos cavallos galhardamente ajazados. Um vestia de amarello, de carmezim o outro. Terminadas as cortezias e as cabriolas que os cavallos foram obrigados a fazer a rainha, ao rei e a todo o publico, e animados os dois campeões pelo applauso universal, um d'elles foi collocar-se defronte de uma porta situada quasi por baixo do camarote do rei, enquanto o outro partiu a galope para o lado opposto da praça. Aberta a dita porta por um homem que n'esse acto se cobriu com ella, eis que um touro se arremessa em tres pulos ao cavalleiro vestido de amarello, que está esperando o enfurecido animal com um rojão em punho. O touro recebeu o ferro em meio do cachaço, e o cavalleiro fez saltar com muita destreza o seu Rabicano, para um canto, afim de evitar as não

* Cavallo velocissimo do Argalia, irmão de Angelica. Veja-se a obra de um e outro n' *Otavelo Namorado* de Bolardo refundido por Heril.



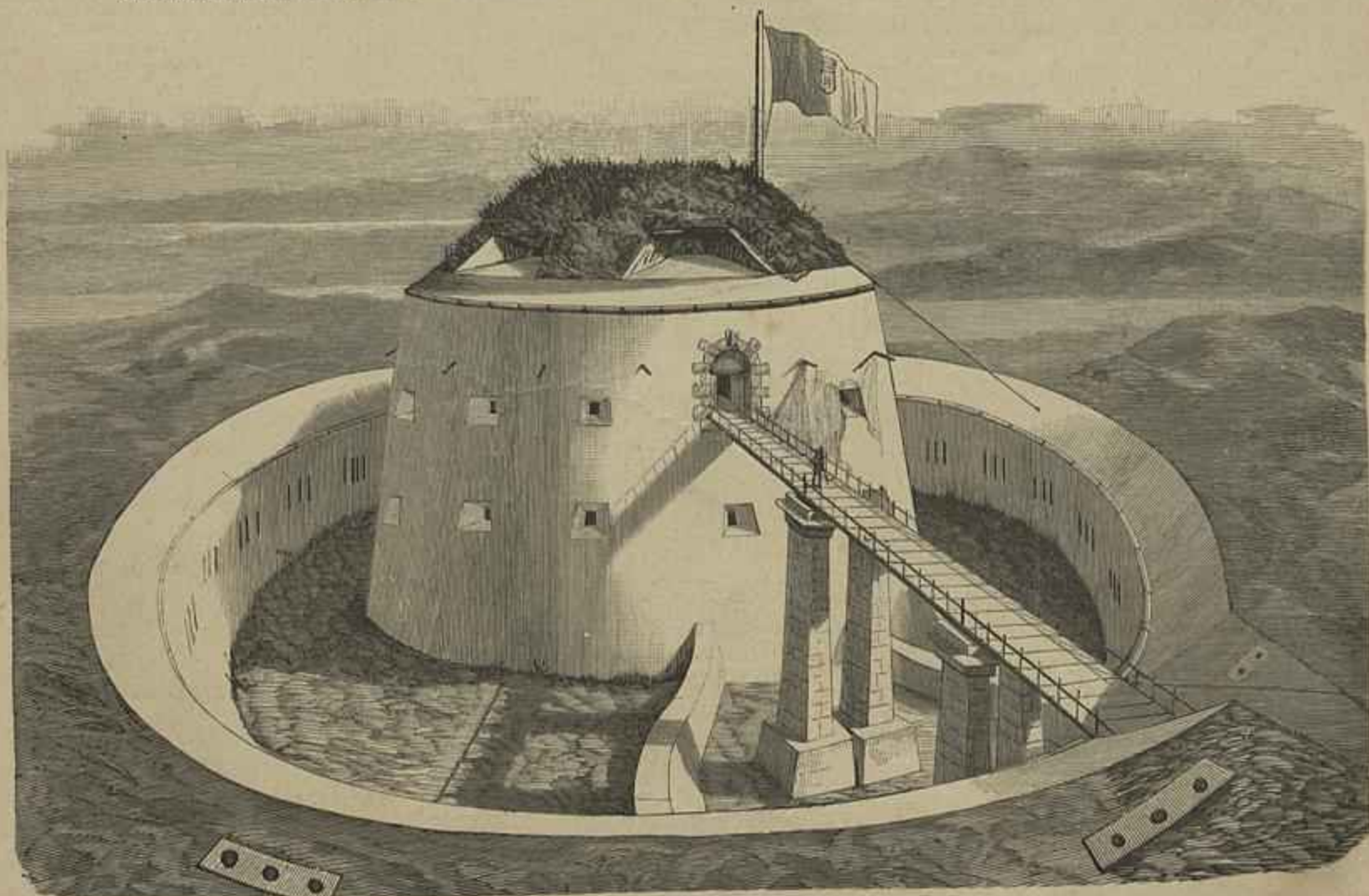
CABO VERDE — ONDE O «AFRICA» DESEMBARCOU 50 PRISONEIROS DE GUERRA

A CHEGADA DO GUNGHANA A LISBOA



O GUNGHANA E SUAS MULHERES A BORDO DO «AFRICA»

muito temerosas pontas, que estavam resguardadas e tornadas inoffensivas por meio de um pedaço de madeira torneado. Sentindo se ferido, o animal percorreu a praça cheio de raiva, e o cavalleiro, seguindo-o e cercando o, quando elle de novo investiu, atravessou-lhe ainda o cachaço com outro rojão, e o touro, fugindo d'elle, lançou-se contra o cavalleiro de carmezim, que tambem lhe mettu um rojão no pescoço; e foi então que o cavalleiro vestido de amarello, desembainhando um espadão, descarregou na fera desesperada um golpe tão certo e com tanta força entre as costellas sobre a espinha que o fez cahir meio de travéz e golphando infinito sangue. Apenas prostrado o touro muitos toureiros a pé lhe saltaram em cima e, segurando-o pelas hastes, o atravessaram com muitas punhaladas. O mascarado, arauto ou official, que não sei como lhe chamam, galopou logo para uma porta fronteira ao camarote da rainha, e, dada ordem entrou um carro puxado por quatro mulas que levou d'ali depressa o animal ainda não bem morto, juntamente com um mouro que, por festa, saltara para se sentar no corpo tombado. Tediosa cousa me seria referir-vos, irmãos, os pouco variados accidentes que occorreram em derrubar todos os dezoito touros que, a um e um, perderam a vida, n'aquelle dia. Alguns, antes de morrerem, tiveram até oito ferros no cachaço, mettidos umas vezes pelos cavalleiros, outras pelos toureadores de pé. E cousa é certo maravilhosa ver um toureiro a pé muitissimo agil, que, segurando com a mão esquerda a cauda do cavallo d'este ou d'aquelle cavalleiro, e com a direita uma capa, salta e corre sem nunca mais largar a cauda do cavallo; e com a capa irrita e estimula o animal, que arremette, ora a elle, ora ao cavalleiro, e logo que arremette o cavalleiro fere-o, e depois de o ferir, ou em cheio ou de raspão, ambos lhe fogem, volteando sempre com inexprimivel destreza. Nem jámais é ferido o touro senão pela frente, e quando investe; pois fazel-o por detraz ou de lado, ou quando foge, seria reputado uma villezza, e provocaria o desprezo do publico. Um dos bois, seguido e espantado pela gritaria dos mencionados indios e negros, e pelos toureiros de cavallo e de pé, saltou as trincheiras e causou uma desordem horripavel; porém, nenhum dos numerosos espectadores d'aquelle logar ficou morto ou estropiado; tal é a ligeireza e a pratica dos portuguezes em metter-se pelos cantos ou em atirar-se á praça quando semelhantes casos se dão. Sobre os degraus do amphitheatro foi o valoroso animal trucidado a golpes de espada pelos assistentes, e, dentro em poucos minutos desmanchada a trincheira, veio o carro das mulas que levou o touro, e a tudo



A FORTALEZA DA SERRA DO MONSANTO PARA ONDE FOI PREZO O GUNGHANA E MAIS PRISIONEIRO DE GUERRA

isto fizeram muita festa os espectadores. Mas não a teria ou feito, se por minha desgraça estivesse naquella parte da trincheira. Algumas garrochas que os toureiros metteram n'um ou n'outro touro tinham valverdes e buscapês na haste, e, quando o fogo começou a esfusiar e a explodir, o touro enlouquecia e dava saltos espantosos, e quando aquelles valverdes e buscapês estalavam, o clamor e a alegria dos barbaros circumstantes irrompiam com o maior estrepito, porque era então que o touro se tornava como endemoinhado. Um preto com uma capa na mão esperou intrepidamente um dos touros, e, quando elle abaixou as hastas para o ferir, o preto, leve como um passaro, atirou-se de um pulo á cabeça do bicho, e, dando uma imperfeita cabriola sobre o dorso, saltou em baixo e correto. Outro preto agarrou um touro pela ponta do lado esquerdo com a mão esquerda, e, arrastado com grande furia pelo feroz animal, segurou a presa muito firme, ao passo que lhe ia dando com a direita muitas punhaladas na testa e nas ventras, e depois deixou-se cair suavemente n'um canto da praça, sem receber o minimo damno. O decimo oitavo e ultimo touro esteve quasi a consumir as devidas e fraternas vinganças, conseguindo n'uma horrenda investida lançar por terra o formoso cavallo do picador vestido de amarello, e passar por cima do ventre d'aquelle desgraçado que já lhe havia mettido dois ou tres rojões no cuchaço; e, se não fossem as bolas de pau que tinha collocadas na ponta das hastas, estripava certamente aquelle senhor cavalleiro e, q que é peor, aquelle bellissimo cavallo, que nenhum dos quatro pés já mais pôz em falso. O Rabicano, porém, de uma parte, e o Argalia da outra, puzeram-se cada qual, n'um instante, sobre as proprias pernas. Rabicano, saltando como uma cabra, afastou-se do animal que lhe havia feito aquella bonita brincadeira, e o amarello Argalia avançou irado para o touro com o espadão erguido, e deu-lhe tão horrendos golpes no pescoço que, se os ossos d'elle não fossem por natureza tão rijos como ferro, o teria aberto ao meio como se abre uma melancia. Em summa, a turba toda dos toureiros de pé deu tantas lançadas, espadeadas e punhaladas n'aquelle pobre decimo oitavo touro que em pouco tempo o aviaram e o livraram de tormentos. E assim terminou a cruel festa com muitissimo gaudio, tripudio e satisfação dos felicissimos subditos de sua magestade fidelissima. Não quero, todavia, deixar de fora o melhor capitulo d'esta linda historia; e vem a ser que, depois de morto o oitavo ou nono touro, se levantou na praça um grandissimo rumor da banda onde estava o rei; e aquella gente, ás centenas de pessoas, começava a saltar para a arena com immensa precipitação, como se todo aquelle edificio de madeira estivesse em chamas, e todos corriam como loucos para o meio do circo; e os que estavam do lado opposto, onde eu me achava, principiaram a gritar, pedindo para saber a causa d'aquella subita desordem; e, de uma banda, os gritos dos que se atiravam á praça ou dos que já lá estavam, e, por outra banda, a vozaria dos que desejavam saber porque é que os mais faziam tal reboliço era tão grande que na mansão das almas condemnadas talvez se não sinta a metade do grande tumulto que havia lá e quem perguntava e quem respondia em boa verdade empregava bem o seu tempo, porque uma trovoadá dos Alpes ou dos Andes não se teria sentido n'aquelle momento. Durou um quarto de hora esse espantoso barulho; e, se não fossem os acenos que o rei fazia com o leque para serenar aquelle immenso tumulto, e, se a rainha, a princeza e as infantas não se houvessem debruçado muito dos camarotes fazendo signaes com a mão direita para acalmar os animos d'aquella gente, não sei como o caso acabaria. Finalmente, principiou a correr que alguns dos espectadores das trincheiras tinham gritado *terremoto*, e a essa voz, hoje terribilissima para os portuguezes, todos se haviam arremessado impetuosamente para fóra do amphitheatro, com medo de que toda essa fabrica de madeira e os que estavam por cima nos camarotes não abatessem sobre elles e os fizessem n'um bloco; nem tardou muito a saber-se terem sido aquelles gritos malevolamente dados por alguns gatunos e maraus, os quaes tendo com o seu grito de terremoto posto o povo repentinamente em confusão, furtaram muita cousa que a multidão assustada deixara nas bancadas, com a pressa da fugir. Acaso vistes já, meus irmãos, um embuste mais subtil, mais audaz, mais desesperado do que este? Vede que almas damnadas se encontram aqui em Portugal! Que mais se pode fazer do que praticar uma patifaria d'esta ordem nas bochechas do rei de uma nação? Na verdade, os larapios portuguezes não passam por pouco atrevidos. Por fim, voltou cada qual para o seu lo-

gar; e quem não se ferira em parte nenhuma do corpo, ou não perdera alguma cousa no meio da desordem, ria a bom rir do proprio e do alheio medo, e todos de accordo deixaram ir por deante a festa, que acabou do modo que fica dito. — Mas esta carta vai já tão extensa, e estou já tão fatigado de escrever, que me é forçoso parar agora, e ir almoçar quatro talhadas de melão, por mais que fiquem por narrar muitas outras cousas, que me succederam hontem, antes que a noite me fizesse recolher a casa; de sorte que, oh minha pena, fica-te quêda por agora, e até logo á noite antes de me metter na cama.

Toca a descançar.

Alberto Telles.

D. IGNEZ DE CASTRO

(NOTAS LIGEIRAS)

Não ha muito ainda, que um jornal portuguez, mandando uma columna de prosa ao tumulo de Camillo, a entremeou de bem injustas e levianas considerações, desfigurando o doce perfil moral com que a segunda mulher do «Justiceiro», atravessou os seculos, sensibilizando poetas e encontrando nas almas virgens (que nem sempre andam associadas a cerebros incultos) uma redemptiva e bem coherente piedade.

Havia muito se affirmava que Camillo tinha encontrado alguns preciosos documentos que revolviavam a historia genealogica de D. Ignez, e que uma monographia, que preparava, vinha desmoronar toda a antiga lenda, abrindo sobre o cataclismo uma clara-hóia de verdade. Não tenho exacto conhecimento de esses documentos, mas parece-me que a reportagem encheu de mais, o balão de triumpho.

Por notas que eu já tinha, e que o artigo, a que alludo no principio de este capitulo veio confirmar, a resolução que Camillo premeditava fazer na biographia tradicional da rainha, limitava-se á questão, aliás interessante, do lugar do nascimento. A lenda fazia-a castelhana; Camillo com uma justa combinação de datas, extrahia a deducção de que era portugueza. Isto, contudo, não me parece que tire á infeliz princeza o lugar que ella occupa na nossa amizade, nem que, por isso, os seus assassinos conquistem o applauso de gente culta, a não ser por um capricho abstruso e sem alicerce. Todavia, a ancia litteraria do inédito, a febre de dar a todas as cousas um novo aspecto e novas formas, — febre que é uma alavanca poderosa na vida de um escriptor, quando tem a governal-a um alto senso critico ou uma sensibilidade bem pura e orientada, mas que sem ter por base qualquer de estas qualidades fundamentais, somente produz irremediaveis desastres, — esse desejo de apresentar as cousas triviaes por uma face nova e imprevisita, fez com que n'esse pedaço de prosa jornalística duas vezes aqui citado, a martyr do convento de Santa Clara, de um cotejo repugnante com Leonor Telles, sahisse por sinuosas deducções sem base, mais perversa, mais cúvida e mais nociva á patria do que a divorciada de João Lourenço da Cunha!

A apologia de este crime «politico dos validos de Affonso IV, faça-a quem a fizer, não pôde ser senão resultado de uma visão irreflectida, ou de um propositado desequilibrio intellectual. A innocencia da vida de Ignez de Castro, documento algum existe que possa contrariar-a. O pretendido «golpe politico» com que muitos querem indultar os assassinos, só pôde illudir quem muito á superficie conheça a historia da primeira dynastia: todos os capitulos do libello que apresentam, não resistem a um profundo e miudo exame critico. Conjecturas e mais conjecturas, ornamentadas com um outorpe de syllogismos espurios! Ora, isto de raciocinios com alicerces phantasticos, é como subir sem luz a escadaria de uma casa desconhecida: sóbe-se, sóbe-se, e afinal, ao cabo da ascensão, esbarra-se com uma parede, e torna-se para traz, — mais depressa por ser aos trambulhões. Os que não cahem, é porque tiveram a prudencia de parar no meio do caminho.

Um exemplo. Parallelo de perversão moral, entre a mulher de D. Pedro e Leonor Telles. O argumento dos detractores da primeira, é que Leonor só se entregou a D. Fernando, quando elle estava ainda solteiro (e ella casada...) emquanto que D. Ignez se deixou seduzir por D. Pedro durante a vida de D. Constança. Este promenor mais parece adduzido para favorecer do que para infamar a rainha martyr. Não ha memoria alguma que prove se a seducção de D. Ignez foi resultado de uma reciproca tendencia amorosa (como parece provavel) ou de um caso de prodição, vul-

garissimo out'ora, — principalmente quando n'elle entrevinha a vontade real. Mas isto, é lançar-me n'um campo de hypothese, incerto e esteril com os argumentos que, accidentalmente, vou contradizendo. O que se aceita, geralmente, e o mais verosimil, é o que da lenda consta; tanto mais que os apaixonados excessos de D. Pedro, de alguma maneira o provam. Temos pois um caso trivial de seducção. Ora o facto de D. Ignez se entregar a D. Pedro, em vida da primeira mulher, parece-me a prova mais incontrôversa de que o seu amor era sincero e desinteressado, sem ambições de poderio, visto que o throno estava occupado por uma rainha, bastante moça para não alimentar a esperanza allegavel da viuvez de D. Pedro.

Que perversão moral transpira de este simples episodio de amor, que em todas as epochas se repete, para o poder comparar com a serie de escandalos que Leonor Telles provocou a fim de se transferir do leito do senhor de Pombeiro para o leito real? Que equiparancia tem o desvario amoroso de uma creatura fragil, com o jogo traçoireiro e impudico de uma mulher que, para ser rainha, só para ser rainha, não recuou ante um divorcio injustificavel e nas condições mais odiosas e aggressivas aos costumes do tempo, infelicitando fundamentalmente todos os interesses da nação que, sem tal rainha, teria de agradecer a D. Fernando, talvez o melhor e o mais fecundo reinado da primeira dynastia? Que comparação ha entre uma illicminada figura de Amorosa que só atravessa a scena historica na alva e inoffensiva attitudo do seu amor e da sua desgraça, e essa feroz creatura que para consolidar um throno comprado e enlameado pelo seu impudico de mercenaria, o cimentou friamente com o sangue dos seus amigos e até com o da sua propria irmã?

O cotejo e affrontoso e desatinado, — embora de elle sobressaia, mais translocida e mais alta, a imagem de D. Ignez; porque a evidencia que se colhe, é que, o que n'uma era sinceridade e desinteresse, n'outra era somente hypocrisia e cupidéz de mulher vena!

Além de isso é sabido que se Leonor Telles se julgava com titulos bastantes para justificar o seu accesso ao throno, em Ignez de Castro, apesar de bastarda, sobrava nobreza para excluir a mulher adúltera de D. Fernando, n'um qualquer concurso em que fossem competidoras.

Houve ja quem se esforçasse para pôr em duvida, o casamento clandestino de D. Ignez com D. Pedro de Portugal, realizado em Bragança, no dia 1 de janeiro de 1356, esteiando-se no facto de ter sido negado em 1385, por João das Regras, nas côrtes de Coimbra. Ora ninguém com senso e imparcialidade critica, deu já mais importancia ao testemunho do famoso doutor, porque se sabe bem qual o fim da invidiosa negativa, — verificado pela aclamação do Mestre de Aviz. João das Regras, como ninguém ignora, foi um dos que mais se esforçou para collocar no throno, vago pela morte de D. Fernando, o principe bastardo D. João; mas como o direito de successão pertencia ao primogenito dos filhos de D. Ignez, por ser legitimo, tornava-se necessario negar a pé firme, embora absurdamente, essa legitimidade, para nivelar o successor legal com o revolucionario. E foi absurdamente, sem argumentos aceitaveis, com um palavriado quasi tão ecco como o dos nossos deputados actuaes, que o celebre legista, apesar de todas as suas manhas e cavillações de officio, pôde introduzir essa calumnia, no animo de um povo já de antemão seduzido pela affabilidade um tanto artificial, com que o Mestre de Aviz (contra o uso dos personagens da sua hierarchia) se tinha preventivamente installado na sympathia popular.

Nem de outra maneira era possivel fazel o. Em 1361, D. Pedro, sendo rei, convocou côrtes em Cantanhede, para ali jurar solememente que casara no dia 1 de janeiro de 1354, com D. Ignez de Castro, sendo o consorcio effectuado pelo deão D. Gil de Vianna, com o testemunho de Estevam Lobato, seu guarda roupa. De esta declaração, que era bastante para documentar esse casamento perante a Historia (ainda que houvesse contra elle uma duvida fundamentada ou verosimil) mandou el-rei, de ois, lavrar um auto que fez espalhar por todo o reino, — e ainda hoje existe um documento authenticado de ella.

Historicamente, moralmente, o facto ficou então provado, e inviolavel para as mais habeis contraversias; mas ha mais, porque não se pôde esquecer essa funebre apothese, excepcionalmente grande e caracteristica que o rei prestou, em Coimbra, á esposa assassinada, obrigando toda a côrte a beijar a mão de uma rainha morta, — verdadeira resurreição moral para o respeito dos cortezaos humilhados, para todos os prestigios da

realiza, para todas as regalias da honra social; — alta e perpetua afirmação de um amor tão grande que florescia sobre um mármore tumular e tão varonil e ardente que não arrefecia ao contacto da mão gelada de um cadáver!

Tão absoluta evidencia teem os factos, que o simples intento de discuti-los perante um publico ignorante como o nosso, denuncia, quando muito, um importuno e inhabil mystificador.

E' sabido que, havendo alguma intelligencia, todas as falsidades são susceptíveis de uma apparencia prova, mórmente quando a illusão visa a pessoas que não dispõem de conhecimentos necessarios para a discutir. Quem quizer ter um exemplo de isto, folheie alguns processos judiciaes e coteje os argumentos de deteza com os argumentos de accusação: verá que, muitas vezes, succede o mesmo facto hostilizar e favorecer a mesma pessoa. A differença, está na maneira de o encarar, porque ha ali sophismas tão bem architectados, que é necessaria uma visão bem aguda e profunda, para lhes encontrar a ausencia de alicerces.

Não assim, no caso de que agora me occupo. A verdade dos factos, é tão poderosa que não sofre sophismas. Todas as verbiagens hostis que por ali se teem declamado, não passam de estereis e decorativas prestidigitações, feitas sem arte, porque se vê todos os maneios de escamoteio: O juramento solenne de D. Pedro, feito publicamente em Cantanhede e repetido pouco depois em Coimbra, perante toda a nobreza e prelados; o testamento de D. Gil de Vianna, bispo da Guarda, e de Estevam Lobato; a coroação posthuma de D. Ignez e a sumptuosissima trasladação do seu cadaver para Alcobaca; e o testamento do proprio rei, em que declara categoricamente que D. Ignez de Castro era sua legitima esposa, — todos estes factos são documentos irrecusaveis, que tornam pueril e nescia qualquer disputa, sobre o casamento e, simultaneamente, sobre a innocencia e pureza de intenções de D. Ignez, porque não se comprehende que um homem do caracter e da vontade ferrea de D. Pedro, prestasse todas essas homenagens a uma mulher, embora muito amada, se a não reconhecesse digna de ellas.

E se os senhores detractores querem um documento tão solido como as suas cabeças impene-traveis, vão ao mosteiro de Alcobaca, penetrem na capella chamada *dos reis*, e lá verão que não é a rainha D. Constança quem tem o logar conjugal ao lado do tumulo de D. Pedro, mas sim a adoravel creatura, martyr e dedicada, que se chamou D. Ignez de Castro. No tumulo que guarda esse corpo, poderão ver, tallado no marmore, um magnifico relevo de esculptura, com todas as insignias da realza, — protesto mudo, perpetuo e nobre contra a sua mesquinha e irrisoria *claudage*.

Morgado de Fortinhães.

A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA, POR S. ADELUNG

(Continuado do numero antecedente)

Ninguém sabia da minha chegada, e assim que puz o pé na rua, dei de cara com a *Rodvalho*, que correu para mim de braços abertos, como se estivesse ansioso por me ver.

— Parabens, parabens! gritou de longe. — Ninguém por ali fala n'outra coisa! — Estamos todos contentissimos! Não ha um unico dissidente!

— Fiquei passado. Invadio-me uma sensação extraordinaria, nova para mim: emmudeci de todo, e estatico, sentia o coração aos pulos.

— Mas o que foi... que aconteceu? perguntei, assim que consegui recuperar o uso da fala.

— O que foi?... pois, deveras, não sabes? e o Rodvalho entrou a rir e, dando dois passos para traz, exclamou, gesticulando com enthusiasmo:

— Desde esta manhã que não se ouve outra coisa! Tiveste, por unanimidade, a medalha de ouro!

Fiquei boqui-aberto, e como parvo.

O teu quadro é magnifico, admiravel, proseguiu o Rodvalho, cada vez mais influido. Assim o proclamou o nosso professor e o repetem todos em côro. Eu tambem expuz, — um estudo — uma velha; parece que tambem vou apanhar uma menção honrosa. Acreditas?

Não respondi e, apressando o passo, dirigi-me a casa do meu amigo Wolkow.

Vim encontrar Leão sentado, com os braços encostados á meza e a cabeça deitada sobre as mãos. Não me presentiu e permaneceu immovel na mesma posição.

A dormir, não estava, que assim o deixavam perceber os movimentos irrequietos, convulsos das mãos. O meu amigo parecia acabrunhado sob o peso de profundissima dôr.

Senti uma pancada no coração — que teria succedido?

Relanceei á vista, rapido, pelo recinto do atelier, á procura do quadro d'elle: estava sobre o cavallete, e um olhar foi o bastante, para tudo esclarecer. Wolkow não concluiu, a tempo, o quadro. — Leão, prorompi, e a commoção embargava-me a voz; bati-lhe no hombro — Leão!

Ergueu-se, de subito, em sobresalto.

— Deixa-me! vae-te! bradou, e qual não foi o meu assombro, ao notar a expressão desvaivada do seu rosto pallido, contrahido e como que transfigurado! Depois, deixou-se cahir na cadeira e ficou outra vez na mesma posição.

— Leão! meu pobre amigo!... E fui eu, eu que tive a culpa! Roubei-te um tempo precioso!... a ti, que durante tão longas horas te sacrificavas, por amizade, a servir-me de modelo!... Sou, pois, eu o culpado de não teres hoje a medalha!

— Ah!... E tu então acreditas?... e Leão recuou alguns passos.

— Sim, sim, sou um amigo unico, impagavel, não ha duvida! E soltou uma gargalhada, estridula, infernal. — Queres tu saber o que eu fiz? clamou com voz estridente. — traístei vilmente a tua amizade santa! — queres ouvir toda a verdade? Fui um falso, um desleal — ludibriei-te, enganei te — menti, como um pèrro!...

Soltou um rugido de fera e descarregou, sobre a meza, violentissima punhada — Tu calas te? pois dar-se-ha o caso que não percebesse, ainda? — Santo Deus! pois é possível? — Fala, diz alguma coisa, ao menos: ameaça me, esconjura-me, mas, por Deus, fala!

— Que tens tu Wolkow? — Estaria enfermo ou louco? — Mudo de espanto, eu olhava fixamente para elle.

— Queres afinal saber, como é que foi?... articulou Leão, com arcia febril — Preciso desabafar, ou arreberto! Ouve, afinal, o que, ha perto de um mez, me traz meio morto... ouve lá...

A luz começou a fazer-se pouco a pouco no meu espirito, mas de modo ainda confuso... O que seria!

— Querido amigo! exclamei, agarrando-lhe na mão, — pelo amor de Deus, socega! — Dize tudo — anda, fala, que todo eu sou ouvidos; mas, por quem es, recupera o sangue frio. Leão mal podia respirar... tal era a sua ancia... até que enfim, com voz, tremula, convulso, e não se atrevendo a supportar o meu olhar, exclamou — Hans! Hans! Deus é testemunha que, a principio, nem sequer pela ideia me passava... — sim! — por tudo quanto ha de mais sagrado, juro-te!... Não era a primeira vez que a via, quando n'aquella manhã, a encontramos... Já a conhecia de vista... e não desgostava d'ella, confesso.

— Depois, nem eu sei porquê, surgiu-me uma ideia diabolica; lembrei-me de lhe fazer a côrte mas, por brincadeira, unicamente, e só para te fazer pirraça... Entrei a vêr que eras um noivo por tal forma distraído, tão pouco acutelado!... Não o fiz por mal, podes estar certo... era brincadeira, e mais nada, juro por tudo quanto ha de mais sagrado?

N'este ponto, Leão ergueu para mim olhar tímido e receioso: A minha resposta unica foi: — Continua.

— Depois, proseguiu Wolkow, veio finalmente um dia, em que vi que, á força de brincar com o lume, ateara em mim mesmo um incendio... Conheci que estava louco, perdido de amores, e com ciúmes de ti: — Desde esse momento, porém, qual era o meu dever, afastar-me, não é assim? — e como homem de bem, como amigo leal, evitar a todo o transe que as coisas fossem mais longe. — Pois eu nada d'isso fiz... tu pedias-me tanto que voltasse... e eu voltava — E perpetrei um acto infame, vergonhoso... tentei justificar com sophismas o meu procedimento, e ainda por cima, tornei-te responsavel... de tudo: — que tu é que tinhas a culpa!... A tua cegueira... a tua confiança imprudente... enchiam-me d'alegria... Tu parecias por tal forma indifferente, frio para com ella... e d'ahi... d'ahi... ao depois...

Leão, atalhei, tentando encontrar o seu olhar, diz-me a verdade toda... e ella, ella ama-te?

Leão estremeceu, fez-se pallido como um defuncto e, em seguida, assumiu-lhe á face rubor intenso.

— Não sei... nunca me atrevi a perguntar-lho... Juro-te que não chegou a tanto a minha perversidade. Comtudo...

— Comtudo... julgas que sim?

— Hans! bradou, e eu, em minha vida, jámais presenciara dôr e afflicção levadas a paroxysmos taes, como os que n'este momento attribuavam o meu desditoso amigo. — Estou abaixo do ladrão mais vil... sou peior que o mais infimo ratorneiro... não me apoderei do teu ouro, das tuas joias, é verdade; mas roubei-te o teu amor.

Houve uma pausa, um minuto apenas de silencio sepulchral: um minuto que me pareceu durar um seculo.

Afinal rompi o silencio — Leão, vou retirar-me e deixar-te em paz. Vou para casa, preciso socegar o meu espirito, reconcentrar-me, a vêr se consigo recopilar as ideias: — reina no meu cerebro um chaos — uma confusão medonha. A manhã voltaremos a tratar este assumpto com mais socego e vagar.

— Faze de mim o que quizeres, que eu estou resignado a tudo... nem já dou apreço á vida.

— Meu pobre amigo! N'esse estado de terrivel excitação, não és tu quem fala... é a febre. Tranquilisa-te, — dorme sobre o caso, e amanhã discutiremos este negocio como homens sensatos, e não como quaesquer rapazes de escola.

Quiz apertar-lhe a mão, Leão, porém, tímido, sobresaltado nem se atrevia a offerecer-m'a. — D'improviso, lança-se me nos braços — Hans — amigo da minha alma! — Meu irmão! — E não pude dizer mais — as lagrimas embargaram-lhe a voz. — Afastei-me e sahi do atelier a cambalar como um ebrio. Quando dei por mim, achei-me n'uma alameda do parque, — em meio de um grupo alegre e buliçoso de creanças que se entre-tinham a apanhar e a descascar castanhas. Não me pude conter, levantei nos braços um dos garotitos e beijei-o com fervor e ancia. Depois, quando sahi e passei pela guarita onde estava almoçando a velha que guardava o parque, a pobre da creatura quando viu luzir no fundo da chaveira um florim de ouro que eu lhe atirei, ia tendo uma apoplexia.

— Tome lá, tiasinha, que hoje é dia grande!

— Estava livre, afinal... livre! — eis o que a mim mesmo repeti centos e centos de vezes, creio eu; e recordei-me, afinal, de que tinha apanhado a medalha de honra, em que bem pouco pensara até então, e por todas estas coisas juntas estava capaz de estalar de alegria.

Quando entrei em casa, a primeira coisa que me saltou aos olhos foi a medalha — ella ali estava a luzir, no seu estojo de coiro perfumado e forrado de veludo! No dia seguinte veio acordarme uma carta de Estephania.

Em tom sincero e digno, expunha a verdade toda: rogava-me que a desligasse do compromisso que entre nos havia. Pela primeira vez na sua vida, ouvira a voz do seu coração, e já não era senhora d'elle. — O que por mim sentira, era apenas estima e amizade, mas não amor; e, por saber que a minha unica e verdadeira paixão era a que eu dedicava á minha arte, não hesitava em me falar com franqueza, convencida de que não poderia levar-lho a mal. Confessava que, a principio, cedera á tentação da jerarchia e do nome, mas que, afinal, cahira em si, e estava agora firmemente resollvida a dispôr do seu coração unicamente em favor de um artista pobre... mas talentoso, do qual em troca apenas exigia amor.

Desde o dia em que primeiro a conheci, nunca Estephania me inspirara tão elevado sentimento de estima. Li e tornei a lêr repetidas vezes a carta e alegrava-me sinceramente a ideia de que o meu amigo encontraria, certamente, ao lado de Estephania, muito maior ventura da que me fôra jámais dado encontrar.

Quando, pela vez primeira, transpaz os umbraes da exposição, era outro homem!

A convicção de ter conseguido realisar o elevado ideal dos meus snhos, encheu-me de confiança em mim proprio, de nobre emulação!

A hora era já tardia, pouca gente circulava nas salas: apenas aqui e acolá um ou outro grupo, conversando ou discutindo qualquer das obras expostas.

No salão nobre da secção de pintura, logo á entrada, lá estava, na parede fronteira, o meu quadro, e, por baixo, um rotulo em que se lia «medalha de honra.»

Os grupos, pouco a pouco, dispersavam; e afinal, os raros visitantes foram sahindo: fiquei sozinho — e agora, podia contemplar a minha obra, em tranquillo arrobamento.

Animava-me o desejo ardente de produzir, de futuro, melhores quadros ainda; pelo menos nutria a esperanza de o conseguir, mas, por muitos e bons que pintasse, nenhum d'elles com certeza me falaria tanto ao coração.

Pin-Sel (trad.).



Recebemos e agradecemos:

Supplemento ao Dicionário chorographico de Portugal por F. A. de Matos. João Romano Torres, editor. Lisboa, Rua D. Pedro V, 86 e 88.

O presente Supplemento que, o prestimoso editor, sr. João Romano Torres, acaba de publicar indica claramente as alterações que, por causa da nova reforma administrativa e comarca, era necessário introduzir na utilíssima obra *Dicionário Chorographico de Portugal* cuja edição pertence á mesma empresa editora.

Assim completado o *Dicionário Chorographico* é incuestionavelmente uma obra utilíssima, que não hesitaremos em recomendar aos nossos leitores.

O presente Supplemento é gratis para quem adquirir agora o *Dicionário*, e para quem só quizer o Supplemento custa este 120 reis.

Boletim da Sociedade de Geographia, de Lisboa. 14 série, n.º 4, 5 e 6. Imprensa Nacional 1895.

N'estes tres numeros do apreciado boletim da prestimosa e patriótica sociedade vem publicados varios trabalhos de subido valor.

A communicacão feita á sociedade pelo socio Joaquim Machado acerca do territorio de Manica e Sofala sob a administração da Companhia de Moçambique; a communicacão feita á mesma sociedade pelo socio conselheiro Augusto de Castilho acerca de Lourenço Marques. Mitras luxitanas no Oriente pelo sr. C. Christovão da Nazareth, trabalho de investigacão que occupa varios numeros anteriores. O thesouro do rei Fernando, historia anedoctica de um tratado inedito (1369 1378) por Luciano Cordeiro, Promenade au Gerez (souvenirs d'un géologue) par Paul Chofat.

De todos estes trabalhos eminentemente valiosos podemos destacar sem mostrarmos mais do que a simples preferéncia dos estudos historicos *O Thesouro do rei Fernando*, o que fazemos para noticiar aos leitores que esse artigo é fundado n'uma communicacão feita á sociedade, de um documento descoberto em Angers, por M. Charles Urseau, erudito francez, que por estas investigacões, merece toda a amizade a que dá jus a sua gentil offerta de uma copia do precioso documento.

Este trabalho faz parte da serie que o sr. Luciano Cordeiro encetou com o titulo de *Vesperas do Centenario*.

Revista critica de historia y literatura españolas, portuguesas y hispano-americanas.

Año 1. Enero 1896—Num. 2.º Madrid Liberia general de Victoriano Suarez.

Visitou-nos esta importante revista, extremamente sympathica para nós pelo interesse que vota ás cousas portuguezas. Insere artigos eruditos, conta com a collaboracão dos homens mais evidentes dos paizes a que se destina, e segue um programma bastante largo o que lhe dá um mais subido interesse. Em Portugal são seus collaboradores o dr. Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Leite Vasconcellos, etc.

Honor Victoribus allocução por Augusto, arcebispo d'Evora. Editor M. Gomes, Lisboa 1896.

N'um nitido folheto acaba de se publicar a formosissima e patriótica allocução que o illustre prelado eborense, proferiu no templo de Santa Maria de Belem, no dia 20 de janeiro de 1896, por occasião do solemne *Te-Deum* em açcão de graças pelas victorias das armas portuguezas e feliz exito da expedicão a Lourenço Marques.

Da delicadeza da mimosa oracão e da eloquencia d'ella são penhor sufficiente o nome laureado e conhecido do reverendo arcebispo de Evora.

O Inferno. — *Jornal de Arte e de critica*; anno, 1896.

Ilustrado com caricaturas de Leal da Camara, é este jornal redigido por um grupo de litteratos, que se propõem a derruir e vergastar todas as fraquezas do nosso meio litterario, intitulado se defensores da arte. Atrévidos em extremo, seria difficil não triumphar; parece que vão empolgando os leitores, com a sua linguagem vobemente e aggressiva.

Até agora (ao n.º 2) só temos que felicital-os pela coherencia com que tem seguido o tetrico programma. Pena é que, tão boas intencões sejam desfeitas pela prosa pretenciosa e nephelibata de alguns dos collaboradores. Ahí vai para exemplo esta phrase de um dialogo:

— «E a tua alma cheira mal!» E ainda esta outra que é de um ideal... de moço de cavallariça: «Teus seios não são mais, para mim, que dois bojos de estrumes, postos a par n'um alqueive que vão arroteando...»

Com taes elementos, pois, que regeneracão séria e util poderá advir á arte portugueza?

Revista Moderna, semanario illustrado — N.º 24 a 32. Lisboa — 1895.

Felicitamos esta revista pelo seu segundo volume o qual inaugurou com o n.º 20.

A *Revista Moderna*, merece toda a sympathia e não seremos nós que regatearemos os louvores a que tem direito pela maneira como tem seguido o seu programma.



MEDALHA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE ANVERS — CONFERIDA AO «OCCIDENTE» COMO EXPOSITOR-PREMIADO

O jornalismo portuguez, por A. X. da Silva Pereira. Editor José Bastos, Lisboa, 1896

O presente trabalho d'este nosso amigo e distincto collaborador, sr. Silva Pereira, é extrahido do *Dicionário Jornalístico* do mesmo auctor, e constitue uma resenha chronologica de todos os periodicos portuguezes impressos e publicados no reino e no estrangeiro desde o meado do seculo XVI até á morte do rei D. Luiz I, bem como dos jornaes em lingua estrangeira publicados em Portugal durante o mesmo tempo.

Obra de enorme cabedal de investigacões, é bem para lamentar que nos seja dada a conhecer, simplesmente por um resumo. Desde abril de 1892 que o manuscrito do *Dicionário Jornalístico* se achava na Academia Real das Sciéncias esperando o parecer que a Academia d'elle deve dar.

Esse parecer que sem duvida alguma será favoravel permittirá, pois, que o governo se incumba da publicacão de obra tão importante.

Pela presente resenha muito já se adianta, e por isso felicitamos o nosso illustre amigo pelo apparecimento de tal trabalho.

Dicionário illustrado, por Francisco de Almeida. Francisco Pastor, editor, Lisboa.

Temos presente os fasciculos 5 e 6 d'este curiosissimo dicionário. Apresenta verdadeiro interesse e bem merece o extraordinario acolhimento que o publico lhe tem dispensado.

Não é obra só para estudo, nem para leitura meramente inactiva, é indispensavel e util a todos.

Ornado de pequeninas gravuras perde o presente dicionário a aridez que caracteriza as obras n'este genero, tornando se assim, necessario, curioso, util e agradável.

Inscrições portuguezas, por Luciano Cordeiro. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895.

Mais um interessante trabalho do incansavel investigador, sr. Luciano Cordeiro. Pertence á serie que o distincto archeologo intitulou *Vesperas do Centenario da India*.

Pelo titulo do livro se infere o assumpto que n'elle se explana: São os inscrições portuguezas. Embora o numero das recolhidas no presente trabalho seja pequeno, o valor e a importancia d'ellas é de veras notavel. E', pois, um valiosissimo subsidio para a formacão de um corpo de inscrições portuguezas, o que, em verdade é uma falta que de ha muito reclama a dedicacão dos estudiosos.

Exiladas, por Alberto Osorio de Castro; Coimbra. F. Franca Amado, editor.

Por gentil offerta do seu auctor, deferencia que muito agradecemos, fomos brindados com um exemplar do livro de versos, *Exiladas*.

Do merecimento da presente colleccão poetica, ha a dizer que o sr. Alberto Osorio de Castro é um poeta distincto em toda a accepção, pois possui a verdadeira alma do artista e a inspiracão que se lhe não esquia em todas as condições de tempo e de lugar. E' assim que, na mysteriosa India ou na agitada Europa, de que nos seus versos transparece tanta saudade, lhe define a rima cadenciada e a ideia subtil tão docemente que a espontaneidade se revela. D'aqui, o serem as *Exiladas* verdadeiras poesias, cheias de sentimento e dignas do talentoso poeta que as escreveu.

Renascença, revista quinzenal, litteraria e critica. N.º 1 a 3 — Lisboa, 1896.

E' uma delicada revista, illustrada, a que não faltam elementos de vida e prosperidade. E' seu director um dos poetas novos que mais promette. — o sr. Nuno de Balhão Pato.

As seccões da nova revista são variadas e a collaboracão, quanto restricta, é interessante.

Torna-se ainda sympathica a graciosissima publicacão, pelo renascimento litterario que busca impulsionar.

Revela-se, todavia, uma má orientacão em buscar esse renascimento, fazendo-o mesmo consistir, na impertinente inhumacão de termos archaicos e obsoletos.

NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS
AOS ESTUDANTES

por
JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Franco de porte

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO
LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 REIS — PELO CORREIO 220 REIS

À venda na

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 29